

**Doze conferências que inventaram o Brasil na Sorbonne: a *Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira* por Oliveira Lima** **Lucas Victor**

*(Mestrando em História pela Programa de Pós-Graduação do Departamento de História da UFPE)*

Nos fins do século XIX, a burguesia europeia desfilava orgulho das vitórias de seu projeto civilizatório: venceriam o cristianismo, o industrialismo, a tecnologia... A noção de progresso naturalizariam a repartição do mundo criada pelas práticas imperialistas. Civilização de um lado, barbárie do outro. No Dezenove, novas condições de dizibilidade estabelecem um projeto de uma ciência geral da ordem: classificam-se animais, homens e mulheres, e estabelecem-se etapas históricas ou estágios civilizatórios a serem percorridos pelos grupos de homens. A Europa teria como missão civilizar, expandir o progresso, construir a felicidade do mundo. Este saber construiu a base teórica para a posição a partir da qual a civilização ocidental encarava o seu relacionamento não só com as culturas e civilizações que a precederam, mas, também com as que são contíguas no tempo e no espaço<sup>1</sup>.

E eram nas famosas exposições universais onde este saber era demonstrado, onde a burguesia pintava e expunha – representava – o mundo a sua maneira. Os combates que envolvem os diferentes grupos sociais implicam em conflitos de identidade e visão de mundo. Segundo Lilia Schwarcz, “*Nelas, cada país expunha o que podia e conhecia; os países europeus apresentavam sua tecnologia a África levava sua barbárie, e o Brasil, sua face ao mesmo tempo civilizada e exótica. É famosa uma foto de D. Pedro II, sentado na frente do seu estande – ele mesmo com objeto de exposição. O estande brasileiro exibia ainda alguns índios botocudos, flechas, ao lado de produtos da agricultura*”<sup>2</sup>. Foi assim que, em 1889, na Exposição Universal em Paris, enquanto o Brasil era representado por cerâmicas, vitórias-régias e uma estátua de um índio botocudo, a França, num estande ao lado do nosso, expunha apenas a Torre Eiffel<sup>3</sup>.

A Europa interessava-se pelo Brasil não apenas pelo exotismo, mas também, da importante inserção do país no comércio internacional de produtos agrícolas e matérias-primas com os negócios do café e da borracha. Em 1911, em 15 de março, no anfiteatro Turgot da Faculdade de Letras da Sorbonne, o então Ministro do Brasil em Bruxelas, Manoel de Oliveira Lima iniciaria uma série de 12 conferências que comporiam o curso *Formation Historique de la Nationalité Brésilienne*<sup>4</sup>. A efeméride inauguraria a cadeira de Estudos Brasileiros. Participando do “numeroso e escolhido auditório”, o conde D’Eu, marido da princesa Isabel, em Paris desde o banimento da família real, estaria algumas vezes presente

<sup>1</sup> WHITE, Hayden. *A meta-história: a imaginação histórica no século XIX*. São Paulo: Edusp, 1995. p.18.

<sup>2</sup> SCHWARCZ, L.M. *As teorias raciais, uma construção histórica dos finais do século XIX. O contexto brasileiro*. In SCHWARCZ, L.M & QUEIROZ, R. *Raça e diversidade: entre o espelho, a invenção e a ideologia*, São Paulo: Edusp-Estação Ciência, 1996, p.164.

<sup>3</sup> Idem, opus cit, p.165.

<sup>4</sup> Neste artigo, utilizamos a 3ª edição brasileira, publicada pela Publifolha, pela coleção “Grandes nomes do pensamento político brasileiro”, em 2000.

no Turgot<sup>5</sup>. Lima era, segundo o famoso helenista Alfred Croiset, presente na ocasião, o primeiro diplomata estrangeiro a ocupar uma cadeira no Instituto da Ciência e das Letras Francesas. No mesmo ano, as conferências seriam reunidas num livro de mesmo nome. Segundo o prefaciador desta primeira edição francesa, Ernest Martinenche, “*É natural que a história da civilização mediterrânea continue a ocupar o primeiro lugar na educação da Europa; seria absurdo não fazer entrar para ele um quadro geral dessa América Latina que guarda as promessas de um futuro necessário ao ritmo da humanidade*”<sup>6</sup>.

Oliveira Lima era um dos intelectuais mais engajados na discussão sobre o passado e o futuro da América Latina. Estes intelectuais assumiram o fardo de colocar esta América na “Grande Narrativa” da civilização ocidental – passado – e no caminho de um “*futuro necessário ao ritmo da humanidade*”: o que significa assumir o dever de revisar historicamente o passado colonial e de definir a originalidade – nacionalidade – desses países ante o espelho europeu e norte americano. Os intelectuais lerão o país através dos modelos de conhecimento e civilidade europeus<sup>7</sup>. É dos fins do Dezenove a invenção do espaço América Latina. Neste momento são estabelecidas especificidades entre uma América Inglesa e uma Latina, e entre aquela e o continente europeu. Os intelectuais se esforçaram em explicar as razões do atraso e em procurar formas de superá-lo<sup>8</sup>. Como objetivo era entrar no círculo da modernidade, as elites e os intelectuais da “República das Letras” procurarão construir imagens do país que o diferencie das demais repúblicas latino-americanas. Nas conferências, Oliveira Lima colocará o regime monárquico como uma especificidade vantajosa para o país. Segundo Kátia Baggio, “*Decepcionado com os rumos da república, (Oliveira Lima) procurou encontrar na monarquia brasileira para o que ele considerava ‘ordem social’ e a ‘estabilidade política’ do Brasil, durante o século XIX, comparativamente à ‘anarquia política’ e ao ‘caos social’ das repúblicas hispano-americanas, no mesmo período*”<sup>9</sup>.

Mas se é promovido um afastamento histórico entre o país e as repúblicas latino-americanas, Lima, em suas conferências, articula os momentos de encontro entre o país e a França. Fala sobre a “*perseverante cobiça da França de outrora*” (Lima, 2000:35) ao “*país dos papagaios e ...do ouro*” (Lima, 2000:53). As “*pretensões francesas*” seriam “*lisonjeiras para nós, pois ninguém cobiça o que não presta*” (Lima, 2000:54). E muitos personagens representaram essas pretensões: Villegaignon, Jean

<sup>5</sup> VERÍSSIMO, José. Prólogo. In LIMA, O. *Formação Histórica da Nacionalidade Brasileira*. São Paulo: Publifolha, 2000, p.25.

<sup>6</sup> MARTINENCHE, E. *Prefácio da edição francesa*. In LIMA, O. opus cit, p.16.

<sup>7</sup> SCHWARCZ, L.M. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituição e questão racial no Brasil(1870-1930)*. São Paulo: Companhia das letras, 1993, p.30.

<sup>8</sup> MALATIAN, Teresa. *Metáfora e nação. A identidade latino-americana em Manoel Bonfim*. In DAYREL, E & IOKOIZ (coords). *América Latina contemporânea. Desafios e perspectivas*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, São Paulo: Edusp, 1996.

<sup>9</sup> BAGGIO, K.G. *Dois interpretações brasileiras sobre a América Latina no final do século XIX e inícios do XX: Joaquim Nabuco e Manoel de Oliveira Lima*. In ALMEIDA, Jaime de. (org) *Caminhos da História da América Latina no Brasil. Tendências de um campo historiográfico*. ANPHLAC, Brasília, 1998, p.85.

de Lery, André Thévét, aventureiros, corsários, cronistas, os fundadores de São Luiz, e até Catarina de Médicis. De fato, a França “*estava um dia destinada a dominar (o Brasil) pela inteligência e pelo sentimento, por se tornar a educadora de nosso espírito, em busca de horizontes, mais largos e a inspiradora de nossa alma sedenta de liberdade*” (Lima, 2000:35). A queda da Bastilha, “*marca o triunfo da liberdade política, o grande princípio de onde partiu o livre desenvolvimento mental do século das Enciclopédia que ganhou o mundo*” e chegou no Brasil influenciando o “*movimento abortado de 1789*”, uma conspiração de “*homens de letras*” conhecedores das “*expressões de racionalismo, contrato social, e de felicidade*” (Lima, 2000:122-3). A França também educaria, com seu liberalismo, as grandes personalidades do império. O autor, ainda na primeira conferência faria uma “*sentida homenagem*” (Lima, 2000:46) a Ferdinand Denis<sup>10</sup>: “*No dia que a França e a América Portuguesa estiverem verdadeiramente unidas pelo coração, como já o estão pelo espírito, tarefa a que nos votamos, o nome de Ferdinand Denis irradiará como um dos precursores*” (Lima, 2000:47). Ao mesmo tempo em que procura a gênese da nação, Lima e os literatos da Republicadas letras desejam inscrevê-la na tradição do progresso, da civilização, herdada do Iluminismo. Mas, ao escrever sobre a França, Lima terminaria em representá-la como uma nação civilizadora, “*educadora de nossos espíritos*”, “*inspiradora de nossa alma*”, reafirmando o sucesso de sua missão civilizadora na “*América portuguesa*” e assumindo o papel de intelectual de nação dominada “*pela inteligência e pelo sentimento*”.

A produção histórica brasileira constituía atividade de membros da classe dominante ou por ela representados. Intelectuais como Lima, vindo de frações da classe média com origem ligada a antigos proprietários rurais em decadência, por sua fidelidade aos grupos dominantes, ocupariam funções na alta burocracia estatal, na imprensa, ou no aparelho educacional. Oliveira Lima era um historiador engajado no serviço diplomático (o Itamaraty entendido como matriz articuladora de historiografia vinculada ao Estado), com fortes vinculações junto à oligarquia pernambucana e trânsito em altas esferas da administração, e de reconhecida projeção intelectual e evidência na imprensa<sup>11</sup>. Aqui utilizaremos o conceito de intelectual como produtor de bens simbólicos, ligado direto ou indiretamente aos combates políticos. O intelectual com interpretante da sociedade, construtor e divulgador de visões de mundo. Neste artigo, procuramos entender as condições que permitiram a afirmação de uma dizibilidade, e não buscar quem enunciou primeiro uma verdade, ou seja o enunciador originário. Sujeito é passagem de sentidos, ponto de encontro de discursos e não origem.<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> Ferdinand Denis, no ano de 1826, publicou *O Resumo da História Literária do Brasil*, que é considerado um dos textos fundadores da idéia de literatura nacional brasileira.

<sup>11</sup> MALATIAN, Teresa. Oliveira Lima e a construção da identidade nacional. Bauri, Edusc, São Paulo: Fapesp, 2001, p.14-5.

<sup>12</sup> FOUCAULT, M. *O que é um autor*. Lisboa: Veja, 1992.

Manoel de Oliveira Lima, inicia sua primeira conferência colocando que o Brasil “*oferece um resumo da evolução da cultura moderna*” (Lima, 2000:31). Lima recorreria ao grande escritor francês Victor Hugo para argumentar acerca da importância da história brasileira para a “*cultura moderna*”. Transfere a Hugo a responsabilidade de colocar seu país no sonhado pedestal: “*Victor Hugo, por ocasião da morte de seu amigo Ribeyrolles, um proscrito do 2 de dezembro, que se havia refugiado em nosso país, escreveu que nós éramos uma nação generosa. ‘Vós tendes – tal é a frase lapidar do grande poeta, e eu a reproduzo com emoção e orgulho – vós tendes a dupla superioridade de uma terra virgem e de uma raça antiga. Um grande passado vos liga ao continente civilizador. Reunis a luz da Europa ao sol da América’*” (Lima, 2000:31).

Se os discursos contemporâneos do autor atestam o atraso da nação, Lima recorre ao famoso escritor romântico para convencer sua platéia que essa história a ser por ele narrada, revelará um “*grande passado*”, ligado, por sua vez, ao “*continente civilizador*”. Mas o que significaria possuir uma “*dupla superioridade de uma terra virgem e de uma raça antiga*”? A identificação do Brasil por sua “*terra virgem*”, impõe que pensemos acerca do que significava a natureza no discurso romântico de Hugo. A partir do século XVIII, dois discursos iriam definir a América por sua natureza. Segundo Roberto Ventura, “*o homem selvagem e a natureza americana são percebidos de forma ambivalente pelo discurso europeu, que oscila entre a imagem da felicidade natural e inocente dos habitantes de clima fértil, e a condenação dos seus costumes bárbaros*”<sup>13</sup>. Com Buffon, De Pauw e Raynal, a idéia da inferioridade do natureza americana, da fraqueza de tudo que vivia nele é difundida no pensamento europeu. Já as narrativas de Alexander von Humboldt, naturalista alemão e contemporâneo de Hugo, que viajou à pesquisa no continente americano, engendraram imagens positivas da natureza americana, enfatizando sua desmesura, sublimidade e exuberância, numa época onde natureza é elemento fundador da sensibilidade romântica. As imagens de Humboldt tiveram grande repercussão após seu retorno a Europa, e a valorização de Hugo a natureza brasileira (terra virgem) inscreve-se nesse discurso.

Mas, enquanto um discurso afirma a felicidade natural e infinita nos trópicos, um outro condena a terra e o bom selvagem, e afirma as vantagens da civilização. Este discurso é retomado no século XIX, quando a História Natural entra em crise; o Darwinismo rompe como fixismo e o tempo passa a ser concebido como fundamento no desenvolvimento dos seres vivos. As diferenças evolutivas entre os seres são concebidas como resultado do meio – daí nasce o determinismo geográfico – , ou variação espontânea do caráter – daí nasce o determinismo racial. É quando “*natureza vira*” “*meio*” e “*raça*” significa hierarquia naturalizada.

---

<sup>13</sup> VENTURA, R. *Estilo Tropical. História cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 1991, p.22.

Nos fins do século XIX e nos inícios do XX, “a questão da raça é a linguagem através da qual se apreende a realidade social, ela reflete inclusive o impasse da construção de um Estado nacional que ainda não se consolidou”<sup>14</sup>. A história e a cultura brasileira passariam a ser apreendidas “em termos deterministas, clima e raça explicando a natureza indolente do brasileiro, as manifestações túbias e inseguras da elite intelectual, o lirismo quente dos poetas da terra, o nervosismo e a sexualidade desenfreada do mulato”<sup>15</sup>. É como o próprio Lima colocará: “Ora a sociologia adianta e a história prova que o contato de raças, de que cada qual possui um grau de civilização diferente das outras, não é propício, pelo menos ao seu progresso moral”(Lima: 120). Então, segundo Dante M. Leite: “Se o Brasil era evidentemente composto de raças consideradas inferiores, seria necessário considerar que o país estava irremediavelmente condenado a ser dominado por raças superiores”<sup>16</sup>. Daí, a insistente preocupação, que habitava nos salões e no parlamento, em estimular a imigração européia, visando um possível e gradativo processo de branqueamento da população brasileira, única solução viável.

Então, quando Oliveira Lima, recorre a Hugo para expor aos seus ouvintes que a “terra virgem” e a “raça antiga” do Brasil significam uma “dupla superioridade”, isto significa que o meio geográfico do país é propício ao desenvolvimento da civilização e sua raça está entre as de maior “capacidade de adaptação”, entre as mais aptas, entre superiores, ou seja, sua raça é branca, portanto o brasileiro é descendente da Europa, esta é a sua ligação com o “continente civilizador”. Por isso ele reuni a “a luz da Europa”, raça branca e iluminada, esclarecida, ao “sol da América”, meio geográfico americano. Assim procedendo, Lima promove o esquecimento dos discursos detratores da sua América, que ora condenava a terra, ora condenavam a condição multirracial do homem e da mulher. Recitando Hugo, Oliveira Lima antecipava os significados da nacionalidade brasileira que constituiria ao longo do curso.

Assim, como a literatura e a imprensa nacionais, a história possui um papel fundamental na construção de um narrativa da nação. São essas narrativas que fornecem as imagens, estórias, rituais, eventos, cenário e símbolos nacionais que representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos que dão sentido à nação. Oliveira Lima, a medida que apresentaria a *formação histórica da nacionalidade brasileira*, selecionaria heróis e inimigos nacionais, fatos históricos, mitos fundadores, personagens da história nacional, elegendo os atores que teriam fala e os que não teriam. Elegeu também, espelhos como alteridades e identidade. O modo como Oliveira Lima descreve os personagens e seus feitos é bastante revelador de que invenção limaneana é essa chamada Brasil. A história do Brasil para o autor se inicia com o “grande achado” de Cabral e a “carta de caminha é o ato de batismo do Brasil” (Lima:38). Os heróis são os portugueses e seus descendentes. Os bandeirantes, “obscuros

---

<sup>14</sup> ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Editora brasiliense, 1985, p.30.

<sup>15</sup> Idem, p. 16.

<sup>16</sup> LEITE, D. M. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. São Paulo: Ática, 1992, p.183.

*artífices de uma grande nação*” (Lima: 87), também são heróis, pois, *"os feitos dos paulistas constituem uma verdadeira Odisséia terrestre"* (Lima: 85). Os jesuítas *"conduziram bravamente a campanha em favor do oprimidos, fundando missões para os neófitos, e ao mesmo tempo informando a Corte sobre as condições morais daquela sociedade longínqua em formação"* (Lima: 41). Sobre a Ordem, escreveria ainda defendendo *"o ato de justiça de associar para sempre os piedosos missionários do século XVI à fundação da cultura nacional"* (Lima, 2000: 41). O elemento branco, cristão e europeu seria o fundador da *"cultura nacional"*.

Os índios são descritos ora como *"menos vigorosos, para um trabalho continuado, indolentes e insubmissos"* (Lima: 61), e *"belicosos"*, ora como *"oprimidos"* e *"neófitos"*. Nestes trechos, o autor qualifica os índios recém convertidos de *"oprimidos"* – são os que participam do mundo do trabalho –, mas ao falar dos que não se enquadram no projeto civilizador jesuíta ou lusitano os adjetiva, como escrevemos acima, de *"menos vigorosos, para um trabalho continuado, indolentes e insubmissos"* (Lima: 61) ou como *"belicosos"* – estes pertencem ao mundo da desordem. Apenas os neófitos são oprimidos, os outros são inimigos do projeto colonial dos luso-brasileiros. Segundo Lima, *"essas migrações e essas misturas de raças aborígenes não possuem afinal nenhuma influência direta sobre a formação histórica da nacionalidade brasileira"* (Lima:45). Esta forma de descrever o ameríndio representa a superação<sup>17</sup>, pela geração realista, no que diz respeito ao discurso da idealização do índio via indianismo que deles fazia *"criaturas superiores pela bravura, a altivez e a nobreza"*(Lima:39) pela descrição de inspiração real-naturalista onde a *"raça indígena"* tem *"inteligência mal despertada"*, *"espírito mal desenvolvido em que lendas valiam por conhecimentos"*, vive em *"hordas hostis"* e diverte-se *"em festins antropofágicos"*(Lima: 44). Fazer parte dessas *"misturas de raças aborígenes"* era tudo que o Brasil branco e letrado de Lima não desejava.

Em *Formação*, o elemento africano chega ao Brasil para o trabalho na empresa colonial, por causa da *"preferência conferida aos escravos negros, por causa de sua robustez, de sua diligência e de sua docilidade, comparadas com a dos índios"* (Lima:61). Segundo Lima, a *"importação dos escravos da África começou a prosperar naturalmente, no Brasil, no ponto onde o bem-estar e a calma eram melhor garantidos e onde a indústria agrícola se estabeleceu em primeiro lugar "*. O autor falaria das condições de vida dos escravos a partir da tradicional tese da brandura da escravidão no Brasil: *"uma vez desembarcados e vendidos, na maior parte dos casos, os negros se sentiam menos infelizes que no seu meio primitivo. A condição dos escravos no Brasil era infinitamente mais tolerável que em quase todos os outros países em que a instituição da escravatura existia"*.(Lima: 61). O elemento afro-descendente aparece em seu escrito relacionado ao mundo do trabalho ou da desordem. O quilombo dos

---

<sup>17</sup>A crítica do autor ao discursos romântico é uma constante nas onferências. Valeria um artigo sobre a voz de Lima nesses debates.

Palmares é qualificado como “*Negerstaat (Estado Negro)*” e representava um “*esboço de organização social*”, cuja base em seu começo se baseava na “*pilhagem*” e no “*homicídio*”. Posteriormente, foram estabelecidas “*relações de comércio*” com os “*plantadores*”. A organização possuía um chefe vitalício, Zumbi, aquele que comandou a “*heróica*” resistência do Quilombo (Lima:119). Segundo Lima, “*Não havia na realidade lugar para este Estado africano em meio de uma série de colônias européias que não pensariam em breve senão na emancipação*”(Lima:120). Este “Estado” não participava do mundo da nacionalidade, ou da cultura nacional.

Sobre o alferes Tiradentes escreveu: “*Dos conspiradores de 1789 um único subiu ao cadafalso, e foi naturalmente a lembrança daquele que ficou viva, que se encrustou, por assim dizer na alma da nacionalidade brasileira*” (Lima:131). Os irmãos Andrada são descritos também com admiração: “*Os Andradas cumpriram sua missão: salvar um Brasil historicamente desunido e fazer dele uma nacionalidade por meio do Império constitucional*” (Lima,:166). O *Formação* é dedicado a São Paulo, “*pátria dos Bandeirantes, berço de José Bonifácio*” (Lima: 6). D.João VI<sup>18</sup>, segundo Lima, “*presidiu à evolução desse Brasil que ele elevou a posição de Reino Unido, e deixou quando o país estava em condições de se tornar um império independente*”(Lima:163). O monarca bragantino seria o fundador da nacionalidade brasileira nascida sob o signo da monarquia. D. Pedro I, “*com sua bravura*” e “*muita imaginação política a ponto de parecer um romântico*”, realizava “*um tipo acabado de herói libertador*”(Lima:155). A figura de Pedro II é descrita como uma das “*principais figuras morais do último século*”, um apaixonado “*pelos ciências*”, “*pelos letras*”, “*pelos artes*”, e “*por tudo que se relaciona com o espírito*”. “*Seu renome não é, afinal, senão justo, pois foi o mais nobre dos homens e o mais perfeito dos soberanos*” (Lima:201).

O Brasil de Oliveira Lima era, ao estilo Varnhagen, uma obra portuguesa. Afinal “*a metrópole houvera talhado (essa colônia) à sua própria imagem*” (Lima:120). As regiões brasileiras seriam ligadas “*pela identidade da raça, da língua e da religião, de maneira que o conjunto oferecia uma admirável harmonia*” (Lima:135). Ou seja, o conjunto harmonioso das regiões brasileiras era herança da identidade da raça branca, da língua portuguesa e da religião cristã que as unia, garantindo assim a unidade nacional. O povo-nação brasileiro é a elite de origem lusitana. O mestiço e as outras etnias não entram na constituição dessa nacionalidade. Esses grupos sociais são sempre relacionados ao mundo do trabalho, ou da anarquia social. Descritos na empresa agrícola, no trabalho nas missões jesuíticas ou no exército, os escravos e os índios participam do Brasil enquanto trabalhadores do projeto de sociedade das elites luso-brasileiras, brancas e cristãs. Participam da história do Brasil no mundo do trabalho, ou no mundo da desordem, da anarquia social, da resistência contra a escravidão. Eles são povo, com p

---

<sup>18</sup> Teresa Malatian construiu uma bela análise sobre o perfil limaneano do monarca bragantino em “D.João VI no Brasil” no seu também instigante “Oliveira Lima e a construção da nacionalidade”, aqui já citado.

minúsculo: plebe, ralé, populacho. O historiador constrói o Brasil a partir da lógica do descobridor, do conquistador, do português cristão – o vencedor que impôs sua superioridade racial e cultural. O brasileiro é o continuador da obra lusitana vitoriosa. Este é Povo com p maiúsculo: Povo-nação.

Oliveira Lima parte dos conceitos dessa sociologia, mas subverte suas implicações. Já que existe essa hierarquias raciais, o Brasil seria lusitano, latino, europeu, como afirmara em seu discurso de posse na Academia Brasileira de Letras<sup>19</sup>. A mestiçagem, sinal de inferioridade, degenerescência e pessimismo ficaria a caracterizar personagens da história do Brasil que não fazem parte do Povo-nação brasileiro. O pensamento racial europeu foi introduzido no Brasil de forma crítica e seletiva, sendo transformado em instrumento conservador e autoritário na definição de na(rra)ção e na naturalização das hierarquias sociais contemporâneas. A gramática sociológica serve para atestar a inferioridade dos afro-descendentes, índio e mestiços e demonstrar a superioridade dos lusos-descendentes. No trato com os africanos e índios, através da escravidão, ou da catequese, o país realizava sua missão civilizatória. O brasileiro é branco e participa do concerto das raças assistindo-o de camarote, ou melhor participando, na Sorbonne, da produção da ciência moderna, da escrita “Grande Narrativa” da civilização ocidental, reafirmando essa na(rra)ção, relatando-a no auditório Turgot. Assim, como participávamos nas exposições universais.

---

<sup>19</sup> No dia 17 de julho de 1903, a Academia Brasileira de Letras estava recebendo mais um imortal. Na sessão solene, o Diplomata Manoel de Oliveira Lima, como o discurso intitulado “Elogio de Francisco Varnhagen”, faria seu primeiro pronunciamento na casa machadiana. No discurso de posse, o historiador definiria a nacionalidade brasileira: “Como raça e como povo – latinos pela cultura, portugueses pelo sangue, brasileiros pela nacionalidade – do que não podemos ser facilmente acusados é de ter minguada a nossa admiração pelo talento e pelo sucesso. Ella é antes fácil e ruidosa”. In LIMA, Manoel de Oliveira. Elogio de Francisco Varnhagen. Rio de Janeiro: Typografia do Jornal do Commercio, 1903, p.8.